

falciformes com os doadores saudáveis já eram esperados devido a inflamação crônica presente no primeiro grupo. Apesar da influência da hidroxureia nos níveis de PCR e LDH, os níveis de ambos os marcadores permaneceram significativamente maiores em comparação com os marcadores nos doadores saudáveis, não interferindo nas análises realizadas no estudo. Não há consenso na literatura acerca da influência do antígeno Duffy nos níveis de IL-8 em indivíduos falciformes, onde o presente trabalho contribui demonstrando que a mutação em GATA-1 em homozigose pode influenciar nos níveis de IL-8 nesses indivíduos, sugerindo um maior risco de vaso-oclusão, uma vez que a IL-8 tem importante efeito na formação de pequenos trombos e a própria fisiopatologia da doença leva a uma predisposição à ocorrência de crises vaso-oclusivas. **Conclusão:** A partir dos resultados, conclui-se que a presença do alelo mutado em homozigose tem associação com os níveis de IL-8, contribuindo para a manutenção do processo inflamatório e maior risco vaso-oclusivo nesses indivíduos.

<https://doi.org/10.1016/j.htct.2024.09.219>

SÍNDROME DE CHEDIAK-HIGASHI: UM RELATO DE CASO

MG Marin-Neto, PN Barbosa, LS Gonçalves, SM Santiago, CMSM Souza, VC Silva, CP Malta, RF Santos, MCP Maioli

Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), Rio de Janeiro, RJ, Brasil

Introdução: A síndrome de Chediak-Higashi (SCH) é uma doença rara, de herança autossômica recessiva, diagnosticada principalmente na infância. O quadro clínico clássico consiste em infecções bacterianas recorrentes, albinismo oculocutâneo, alterações neurológicas progressivas, distúrbios da hemostasia e risco aumentado para linfocitose hemofagocítica (LHH). A doença ocorre por mutações no gene CSH1/Lysosomal trafficking regulator (LYST), resultando na ausência ou disfunção da proteína CSH1/LYST e na desregulação no tamanho e no tráfico dos lisossomos, consequentemente visualizados à microscopia óptica como grânulos gigantes citoplasmáticos em células de diversos tecidos. **Relato do caso:** M. M.B, 36 anos, sexo masculino, branco, natural de Miguel Pereira, estado do Rio de Janeiro, com histórico pregresso de déficit de aprendizado, porém sem alterações de psicomotricidade, e de úlceras de repetição em membros inferiores há 14 anos, com melhora das lesões a despeito de tratamento e recidivas em intervalos de meses. Relata presença de sinais flogísticos nestas lesões, porém sem repercussão sistêmica (febre, perda de peso ou ulcerações em mucosas), além de persistência de lesão extensa em membro inferior direito, com caráter atípico, vegetante, desde setembro de 2023. Acrescido ao quadro de evolução crônica e progressiva, apresentava também perda visual progressiva até a amaurose bilateral, com percepção de estímulos luminosos mantida, tetraparesia com sinal de Babinski bilateral, arreflexia generalizada, ataxia cerebelar, perda da sensibilidade vibratória/propriocepção em membros inferiores e oftalmoplegia com

nistagmo multidirecional. Na internação para investigação do quadro, foram afastadas patologias vasculares, infecciosas, inflamatórias e metabólicas através de exames laboratoriais e de imagem. Na investigação da amaurose, foi realizado fundo de olho com retinografia, levando a achados compatíveis com albinismo ocular. Quanto às alterações tegumentares, o paciente foi avaliado pela dermatologia com biópsia da úlcera vegetante, resultando em hiperplasia epitelial com infiltrado denso linfoplasmocitário e alguns polimorfonucleares na derme, além de evidenciar ao exame a presença de hipopigmentação cutânea difusa com pelos faciais e capilares acinzentados, podendo corresponder a albinismo cutâneo. Por fim, foi identificada em lâmina de sangue periférico a presença de neutrófilos e linfócitos com granulações gigantes citoplasmáticas, alteração clássica da SCH. Este achado, associado a clínica do paciente, motivou a realização de uma painel de imunodeficiências hereditárias, que encontrou duas variantes patogênicas, em heterozigose, no gene LYST. As mesmas granulações são vistas nas células da irmã do paciente, que apresenta clínica de baixa acuidade visual e albinismo, mas são ausentes no pai, mãe e em sua outra irmã, assintomáticos, denotando um caráter recessivo e de penetrância variável a esta patologia. **Discussão do caso:** O principal tratamento para prevenir a progressão para LHH familiar na infância (fase “acelerada” da SCH) é o transplante alogênico de medula óssea. Porém, este tratamento não impede a progressão do albinismo ou do quadro neurológico. No caso em questão, a presença das mutações em heterozigose provavelmente retiveram uma função residual à proteína CSH1/LYST, levando a um fenótipo mais brando da doença, o que permitiu seu diagnóstico na fase adulta.

<https://doi.org/10.1016/j.htct.2024.09.220>

REAÇÃO LEUCEMÓIDE SECUNDÁRIA À INFECÇÃO: RELATO DE CASO

BR Campos^{a,b}, DL Queiroz^{a,b}, GE Dresch^{a,b}, MVL Stela^{a,b}, MA Souza^{a,b}, TT Andrighetti^{a,b}, MAF Chaves^{a,b}, MF Barros^{a,b}

^a Universidade Estadual do Oeste do Paraná (UNIOESTE), Cascavel, PR, Brasil

^b Hospital Universitário do Oeste do Paraná (HUOP), Universidade Estadual do Oeste do Paraná (UNIOESTE), Cascavel, PR, Brasil

Introdução: A reação leucemóide é uma condição hematológica caracterizada por um aumento acentuado e reativo na contagem de leucócitos no sangue periférico, definido por uma contagem de leucócitos superior a 25.000/mm³. Ao contrário da leucemia, a reação leucemóide é uma resposta benigna e reativa a uma variedade de estímulos. É frequentemente observado em resposta a infecções graves, inflamação, estresse fisiológico ou certos distúrbios hematológicos. Este estudo visa relatar um caso clínico de reação leucemóide, discutindo suas características, diagnóstico diferencial e importância. **Caso clínico:** F.S.P, sexo feminino, 85 anos, deu entrada ao serviço de emergência de um hospital universitário com histórico de tosse secretiva de coloração

esverdeada, coriza e dispneia a esforços moderados. Na admissão iniciou com dor torácica em queimação, de forte intensidade, sem irradiação, sem fatores de melhora ou piora, associada a dispneia aos mínimos esforços. Eletrocardiograma realizado, com supra de ST de V1-V3, realizado AAS 300 mg, clopidogrel 300 mg, nitroglicerina 2 mL/hr e solicitado exames laboratoriais. Hemograma com contagem de leucócitos de $47.400/\text{mm}^3$, presença de granulação tóxica e neutrofilia com desvio à esquerda. Nos dias seguintes, a paciente desenvolveu uma disfunção renal e importante leucocitose, atingindo uma contagem de $119.900/\text{mm}^3$, com acentuado desvio a esquerda (8 mielócitos, 5 metamielócitos, 5 bastões, 62 segmentados), episódio febril, acidose respiratória, creatinina, ureia e potássio elevados e cultura positiva de secreção traqueal para *Pseudomonas aeruginosa*. A paciente evoluiu com PCR e após foi constatado óbito. **Discussão:** A reação leucemóide é normalmente uma resposta a um processo infeccioso, com resposta escalonada e policlonal. No hemograma, raramente há presença de eosinófilos, e a enzima fosfatase alcalina está presente nas células granulocíticas. Reações leucêmicas com mais de $50.000/\text{mm}^3$ levam a um risco iminente de choque séptico. Por outro lado, a leucemia é uma doença hematopoética, apresenta hiato leucêmico, resposta monoclonal e eritrócitos e plaquetas alteradas. Há eosinófilos no hemograma e a fosfatase alcalina é negativa. **Conclusão:** O presente caso, evidencia uma reação leucemóide correlacionada a um quadro de infecção bacteriana. É de extrema importância o reconhecimento correto desta condição, pois evita o diagnóstico equivocado de leucemias, que podem levar a tratamento agressivos e desnecessários e permite o direcionamento adequado da investigação etiológica para identificar e tratar a causa subjacente. Além disso, o estudo da reação leucemóide é essencial para aprimorar a precisão diagnóstica, aprofundar a compreensão dos mecanismos imunológicos e hematopoiéticos que regem a resposta do organismo a estímulos patológicos e contribui para o desenvolvimento de novas estratégias terapêuticas e de manejo clínico.

<https://doi.org/10.1016/j.htct.2024.09.221>

PREVALÊNCIA DO HIV NA POPULAÇÃO INDÍGENA: ANÁLISE DO PERFIL EPIDEMIOLÓGICO DE 2018 A 2023

CF Venas-Do, JRA Pereira, LC Godoy, ICDN Maluly, CDN Silva, LM Curro

Universidade Nove de Julho (UNINOVE), São Paulo, SP, Brasil

Objetivo: Descrever o perfil epidemiológico dos casos de infecção pelo HIV/AIDS na população indígena do Brasil de 2018 a 2023. **Materiais e métodos:** Realizou-se uma análise epidemiológica descritiva e transversal utilizando dados do Departamento de Informática do Sistema Único de Saúde (DATASUS), especificamente do Sistema de Informação de Agravos de Notificação (SINAN). Foram analisados casos confirmados de HIV/AIDS notificados de 2018 a 2023, considerando a distribuição por região e faixa etária. **Resultados:** No

período estudado, foram registrados 347 casos de HIV/AIDS entre indígenas. A região Norte apresentou a maior proporção de casos (32,5%), seguida pela região Sudeste (19,3%). O perfil predominante foi masculino (76,6%), com a faixa etária mais afetada sendo de 25 a 29 anos (19,6%), seguida por 40 a 49 anos (17,6%). Houve uma queda nas notificações de 2018 a 2020, com uma possível influência da pandemia de COVID-19. Em 2022, foram diagnosticados 56 casos, e em 2023, apenas 28, indicando uma redução de 50% em relação ao ano anterior. A falta de evidências de políticas públicas ou campanhas de prevenção sugere a possibilidade de subnotificação. **Discussão:** O HIV é um vírus que compromete o sistema imunológico ao atacar os linfócitos T CD4+, resultando em imunossupressão e maior vulnerabilidade a infecções oportunistas. A trombocitopenia é um achado comum nos pacientes com HIV e pode ser um dos primeiros sinais da infecção. A transmissão do HIV ocorre globalmente e afeta diferentes grupos populacionais, incluindo a população indígena, que enfrenta disparidades sociais, econômicas e culturais. A falta de acesso adequado aos serviços de saúde e as dificuldades específicas enfrentadas por esses grupos contribuem para uma maior vulnerabilidade à infecção. A análise revelou uma ausência de dados atualizados e uma rede de assistência insuficiente para essa população. **Conclusão:** A escassez de políticas de saúde específicas e a precariedade dos serviços de atenção para os povos indígenas resultam em uma limitada compreensão da dimensão da infecção pelo HIV entre esses grupos. Há uma necessidade urgente de aumentar as políticas públicas voltadas ao tratamento, conscientização, diagnóstico e prevenção do HIV na população indígena, além de melhorar a rede assistencial e a coleta de dados para abordar efetivamente a epidemia.

<https://doi.org/10.1016/j.htct.2024.09.222>

USO DE PROFILAXIA ANTIFÚNGICA EM PACIENTES PEDIÁTRICOS EM TRATAMENTO PARA LEUCIMIA EM UM CENTRO DE REFERÊNCIA DA AMAZÔNIA BRASILEIRA

FLR Bandeira^a, JS Cristino^b, AGDR Mendes^c, HSC Albuquerque^c, EGS Oliveira^d, EDS Vieira^b, EC Cardoso^e, EO Coelho^e, CM Ferreira^c, MAE Crispim^b

^a Centro Universitário do Norte (UNINORTE), Manaus, AM, Brasil

^b Universidade Federal do Amazonas (UFAM), Manaus, AM, Brasil

^c Universidade do Estado do Amazonas (UEA), Manaus, AM, Brasil

^d Faculdade Metropolitana de Manaus (FAMETRO), Manaus, AM, Brasil

^e Universidade Nilton Lins (UNL), Manaus, AM, Brasil

Introdução: As doenças onco-hematológicas como as leucemias e outras doenças mielo proliferativas afetam de diferentes formas o funcionamento da medula óssea e órgãos linfoides alterando a produção e função das células